

## UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM UM GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL: PRODUZINDO UM *BOOKTUBE* EM SALA DE AULA

*Dayana Junqueira Ayres*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Márcia Helena de Melo Pereira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Filipe Santos Guerra*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** Em face do surgimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e do conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os discentes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, normatizadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi instituído aos docentes da matriz curricular de Linguagens o desafio de estarem a par das características dos gêneros discursivos digitais, e de desenvolverem, em sala de aula, sequências didáticas que explorem o manejo das mídias digitais. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é propor uma sequência didática de produção de *booktube* (gênero discursivo advindo das TDICs) no ambiente escolar. Para tanto, a elaboração dessa sequência foi empreendida nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Concluiu-se que a sequência didática proposta para a manipulação do gênero discursivo digital *booktube* configura-se como uma atividade promissora para ampliar os letramentos — inclusive o letramento digital — dos discentes da educação básica de forma crítica, ética e responsável, além de favorecer o desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens a serviço dos diferentes campos de atividade humana, conforme regulamenta a BNCC.

**Palavras-chave:** Ensino. Gêneros Discursivos Digitais. Sequências Didáticas.

### Introdução

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm recriado as experiências de interlocução, aprendizagem e interação dos indivíduos na sociedade, e seus recursos têm proporcionado diferentes práticas sociais envolvendo esses sujeitos, de modo que a cultura digital já ocupa grande parte da nossa vida: agora, as mídias digitais e a internet não são exclusividade da tela do computador; elas passaram a habitar a palma de nossas mãos. O uso de *smartphones* e aparelhos similares nos permite estar em vários espaços — como bancos, bibliotecas, ruas, restaurantes, escritórios etc. —, desempenhando várias funções (tais como pagamento de contas, leitura de livros, acompanhamento do trânsito em

tempo real, compras via internet, obtenção de informações referentes ao clima e à temperatura, dentre tantas outras), tudo isso sem sair do lugar e de forma cômoda — funcionalidades possíveis quando se possui acesso à internet. Essa revolução digital é ainda mais perceptível no caso das TDICs mais recentes, já que tais inovações continuam ocorrendo em ritmo acelerado e impactando, também, a linguagem e as práticas comunicativas.

Segundo Soares (2002), em virtude das recentes tecnologias digitais, estamos vivenciando um momento de novas modalidades de práticas de leitura e escrita. Em sala de aula, por exemplo, até pouco tempo atrás, a utilização de aparelhos celulares era proibida, porque seu uso era diretamente associado à falta de atenção e à distração dos discentes. Porém, uma vez que vivemos em uma sociedade cada vez mais influenciada pelas relações virtuais, concretizadas e mantidas nas telas de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, o movimento em direção aos ambientes eletrônicos tem modificado/remodelado, de forma vertiginosa (principalmente após a pandemia da COVID-19, que forçadamente popularizou o ensino remoto), as práticas de sala de aula.

Atualmente, no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) — documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica — prevê o uso de tecnologias digitais em sala de aula ao longo de toda a formação do indivíduo, com o objetivo de que os discentes as manipulem de maneira crítica e responsável. Segundo esse documento, a integração das ações escolares aos recursos digitais são fundamentais para a formação de cidadãos críticos e atuantes nas mais diversas práticas sociais (BRASIL, 2016). Nesse sentido, as TDICs precisam adentrar as escolas, não somente por necessidade do contexto social em que estamos imersos, mas também por exigência legal de um dos textos oficiais do país que parametrizam as práticas de ensino.

Isso posto, com o surgimento da cultura eletrônica e, mais especificamente, da internet, “presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita” (MARCUSCHI, 2010, p. 20). Em outras palavras, as TDICs viabilizam o surgimento de uma infinidade de *gêneros discursivos digitais*, que, em linhas gerais, são gêneros discursivos diretamente ligados às mídias digitais, ou seja, eles existem para serem utilizados e usufruídos em dispositivos eletrônicos e com aparatos



tecnológicos. Dentre esses gêneros nativos<sup>1</sup> das tecnologias digitais, direcionamos nosso olhar, neste trabalho, para o *booktube*, sobre o qual trataremos na próxima seção.

Dito isso, o objetivo deste trabalho é propor a introdução do gênero *booktube* no ambiente escolar a partir de uma sequência didática. A escolha desse tipo de recurso didático se deu por considerarmos que, pelo fato de as atividades, dentro desse modelo, serem elaboradas e desenvolvidas seguindo uma lógica sequencial de compartilhamento e evolução do conhecimento, os docentes podem conferir mais sentido ao seu processo de ensino e, simultaneamente, aumentar o engajamento dos discentes nas atividades pedagógicas, o que contribuirá com o aprendizado deles.

A fim de cumprir com o que nos propomos a realizar neste trabalho, primeiramente, lançaremos mão dos pressupostos teóricos de Bakhtin (2011) e de Rojo (2013) para apresentar o *booktube* enquanto gênero a partir dos pontos de vista temático, estilístico, composicional e multimodal<sup>2</sup>. Posteriormente, faremos uma revisão bibliográfica das assertivas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a respeito do que é de como se faz uma sequência didática. Em seguida, a partir dessas assertivas, construiremos uma proposta de sequência didática com o gênero digital *booktube*, por acreditarmos que esse gênero é uma ferramenta favorável às práticas de letramento digital e, também, ao desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens nos mais diversos campos de atividade humana. Por último, apresentaremos nossas considerações finais acerca do que, de fato, essa sugestão de atividade para a introdução do gênero *booktube* em sala de aula nos possibilitou concluir.

### **O *booktube* como um gênero discursivo digital**

Segundo Bakhtin (2011), o uso da língua(gem) pelos falantes ocorre sempre em determinado campo da atividade humana, que “elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifos

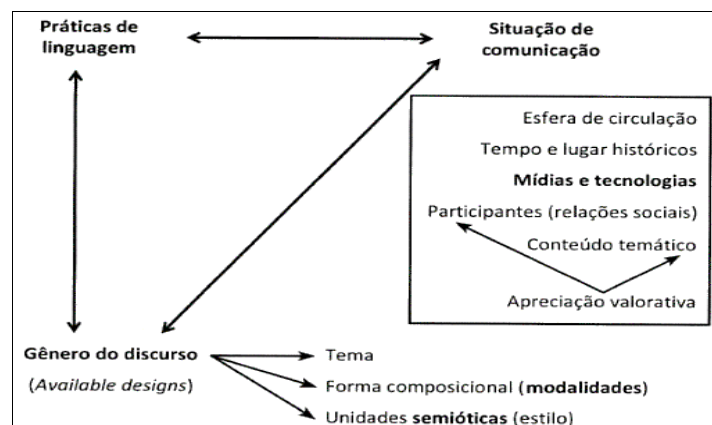
<sup>1</sup> O termo *nativo digital* foi sugerido por Prensky (2001) para designar os nascidos a partir de 1990 e que apresentam características como familiaridade com o computador e com os recursos da internet. Neste trabalho, utilizamos o termo *gênero nativo* como hiperônimo dos diversos gêneros que nasceram no contexto das mídias digitais.

<sup>2</sup> “Multimodal”, segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 108), é o texto que “recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais”.

do autor). Desse modo, os gêneros do discurso são determinados por aspectos sociais, históricos e culturais, e é por meio deles que nos comunicamos. Na concepção desse estudioso, os enunciados de estabilidade relativa podem ser assim classificados a partir de três pilares: 1) conteúdo (temático); 2) construção composicional; e 3) estilo da linguagem (BAKHTIN, 2011).

É válido ressaltar que os gêneros discursivos emergentes, resultantes da popularização das TDICs, trazem desafios à teoria bakhtiniana de gênero, que adotou como objeto de estudo o texto escrito da cultura impressa, sobretudo o romance. No entanto, de acordo com Rojo (2013), os postulados de Bakhtin (2011) acerca do assunto são capazes de atender à multimodalidade presente nos gêneros discursivos digitais, desde que esse fator seja considerado. A autora, com intuito de demonstrar essa ampliação, proposta por ela, da teoria bakhtiniana (adicionando nela as tecnologias digitais), elabora um esquema, conforme veremos a seguir, na figura 1.

Figura 1 — Elementos da teoria bakhtiniana de gênero reinterpretados por Rojo (2013)



Fonte: ROJO, 2013, p. 30.

A figura 1 destaca os elementos que foram adicionadas por Rojo (2013) à teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin (2011), quais sejam: 1) as mídias e tecnologias à situação de comunicação; e 2) as múltiplas linguagens na formação dos gêneros do discurso. Isso posto, compreendamos em que consistem cada um dos pilares que formam os gêneros — conteúdo temático/tema, construção/forma composicional e estilo —, com base em ambos os autores.

O *conteúdo temático* consiste na apreciação valorativa do falante acerca do assunto, ou seja, não se limita ao mero objeto abordado no enunciado (BAKHTIN, 2011). Esse elemento determina tanto a construção composicional quanto o estilo dos gêneros, que estão





a serviço da vontade discursiva do falante, visto que a construção composicional e o estilo são marcas linguístico-textuais das apreciações valorativas do falante. O conteúdo temático, portanto, é o condutor da comunicação discursiva e, desse modo, engloba tanto aspectos linguísticos/textuais quanto aspectos enunciativos/discursivos.

Já a *construção composicional* tem a ver com a estrutura do gênero como um todo, ou seja, com o acabamento do enunciado (BAKHTIN, 2011). Esse elemento é responsável pela organização retórica característica de cada gênero do discurso. Em linhas gerais, a construção composicional do gênero, como a própria expressão já denuncia, cumpre o papel de compor, equilibrar e estruturar a essência do gênero, a qual colabora para tipificá-lo e distingui-lo de outros gêneros. Vale ressaltar que, em concordância com Rojo (2013), admitimos que a forma composicional de um gênero pode abranger diversas modalidades de linguagem (escrita, imagética, sonora etc.).

O *estilo de linguagem*, por sua vez, incide nas escolhas lexicais e gramaticais realizadas pelo falante. Essas escolhas, segundo Bakhtin (2011), podem apresentar reflexos da individualidade do falante, fenômeno que é denominado por ele de *estilo individual*. Conforme o filósofo russo, há gêneros que são mais flexíveis ao estilo individual, ao passo que há outros que são mais estáveis e fazem prevalecer o seu próprio estilo. Esse elemento, portanto, é coletivo, dado que é parte de um gênero sócio historicamente construído, e, ao mesmo tempo, individual, uma vez que é produzido por indivíduos. Essa noção de estilo também foi ampliada por Rojo (2013), conforme vimos na figura 1, com o acréscimo das unidades semióticas, para além das escolhas puramente linguísticas.

Bakhtin (2011), quando discorre acerca da estabilidade relativa dos enunciados, citada anteriormente neste trabalho, marca a viabilidade de os gêneros serem capazes de variar, visto que suas formas são bastante plásticas e abertas. É com base nisso e em tudo o que foi discutido até aqui que consideramos o *booktube*, nosso objeto de pesquisa, como um gênero discursivo digital, pois, a partir da popularização da plataforma de *streaming* de vídeos *YouTube*, vários canais de criação e compartilhamento de conteúdo sobre temas diversos surgiram nesse *website*, dentre os quais originou-se um nicho denominado *booktube*, composto por pessoas (conhecidas como *booktubers*) interessadas em falar sobre suas leituras literárias, descrevendo-as e indicando-as ou não aos seus espectadores. (SILVA, 2019). O gênero discursivo resenha, então, foi reelaborado nesse ambiente digital e deu origem ao *booktube*, um gênero emergente muito difundido atualmente e que tem potencial para diversos usos no âmbito escolar.

Para ratificar a afirmação de que o *booktube* é um gênero discursivo digital, trazemos, a seguir, um quadro elaborado por Ayres, Pereira e Azevedo (2020), que busca sistematizar os elementos caracterizadores do gênero *booktube* a partir da análise de um vídeo. O conteúdo foi publicado no canal *Literature-se*, do YouTube, pela *booktuber* Mel Ferraz, e foi intitulado por ela de “[RESENHA] O Mágico de Oz<sup>3</sup>”. Vejamos:

Quadro 1 — Sistematização dos elementos integrantes do gênero discursivo digital *booktube* produzido pela *booktuber* Mel Ferraz

TEMA		
Resumo e apreciação valorativa positiva do clássico infantil <i>O Mágico de OZ</i> .		
FORMA COMPOSICIONAL		
(1) Encenação; (2) Apresentação pessoal e do canal; (3) Apresentação do título da obra a ser <i>booktualizada</i> ; (4) Vinheta com imagens em movimento; (5) Resumo descritivo da obra; (6) Resumo informativo e crítico (apreciação valorativa); (7) Indicação da obra; (8) “Curiosidades: livro e autor” (7) Propaganda de parceiros/editores; (8) Relato pessoal e apreciação valorativa do filme em relação a obra lida; (9) Apreciação final/despida.		
ESTILO SEMIÓTICO		
UNIDADES SEMIÓTICAS	LINGUÍSTICA	a) Capa com título da obra <i>booktualizada</i> em imagem estática; b) Legenda na parte superior do vídeo para esclarecer um enunciado oral; c) Legenda com endereço do website do canal; d) Performances de encenação oral; f) Sinais conversacionais para sustentar o turno de fala; g) Vinhetas com imagens em movimento e título do canal e da obra <i>booktualizada</i> ; h) Pausas sintáticas de separação e ligação.
	SONORA	a) Vinhetas com plano de fundo sonoro, imagens em movimento e título do canal e da obra <i>booktualizada</i> ; b) Vinhetas com plano de fundo sonoro e imagens estáticas com título a ser abordado no próximo tópico.
	ESPACIAL	a) Plano de fundo: estante de livros; b) Versão impressa do livro <i>booktualizado</i> em mãos (em alguns momentos);
	GESTUAL	a) Realizar sinal de aspas com dedo indicador e médio; b) Dedo indicador apontado para a cabeça para se referir à força psicológica de Dorothy.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qFEYgUqWNAk>. Acesso em: 29 mar. 2021.

	VISUAL	<p>a) Bastidores demarcados em cenas nas cores preto e branco; b) Vinhetas com imagens em movimento e título do canal e da obra <i>booktualizada</i>; c) Vinhetas com imagens estáticas com título a ser abordado no próximo tópico.</p>
--	--------	--

Fonte: Ayres, Pereira e Azevedo (2020).

Como pudemos ver a partir do quadro 1, o gênero *booktube* engloba, em sua tríada constitutiva, não somente unidades verbais, mas também não-verbais, tais como unidades gestuais, sonoras e visuais, o que é consequência do ambiente digital no qual ele se materializa. Assim, esse quadro exemplifica a complexidade apresentada por enunciados relativamente estáveis que são propagados pelas TDICs e, mais do que isso, evidencia a necessidade de se trabalhar com esse tipo de conteúdo em sala de aula, visto que a sociedade lida com gêneros desse tipo o tempo inteiro, mas o âmbito escola ainda parece desconhecer seus potenciais e suas prerrogativas.

A respeito disso, de acordo com Lopes-Rossi (2011, p. 71), compete ao professor criar condições necessárias para que os alunos se apropriem de características discursivas linguísticas de gêneros diversos, em situações reais de comunicação. Desse modo, acredita-se que isso pode ocorrer por meio de projetos pedagógicos que tenham em vista o conhecimento, a leitura, a discussão sobre o uso e as funções sociais do gênero estudado, a elaboração (multimodal) e a circulação destes na sociedade.

Considerando o exposto, uma alternativa dinâmica e versátil para que esse objetivo seja atingido são as *sequências didáticas*, que, grosso modo, dizem respeito a uma série de atividades interconectadas que são planejadas e estruturadas tencionando alcançar determinado(s) propósito(s) didático(s) (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004). Elas são organizadas em torno de um gênero discursivo ou de um conteúdo específico, sendo capaz de abarcar diferentes componentes curriculares. Vejamos seus pormenores na seção a seguir.

### Sequência didática: o que é e como se faz

Considerando a *Competência Geral 5* estabelecida pela BNCC, a saber,

compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar,

acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9),

impõe-se aos professores — não somente aos de Língua Portuguesa, mas a todo o corpo docente de uma escola, de forma geral — desafios no que se refere ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. Na área de Linguagens, especificamente no campo da Língua Portuguesa, o trabalho em sala de aula deve estar a serviço não apenas da formação plena do alunado, mas também dos conhecimentos sobre gênero discursivo, texto, língua, norma-padrão e diferentes linguagens (semioses). Assim, esses conhecimentos favorecerão o desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens a serviço dos diferentes campos de atividade humana.

Com vistas a atender o objetivo dessa Competência Geral 5 da BNCC, salientada no parágrafo anterior, sugestões didáticas que auxiliem no fazer docente dos profissionais da educação no âmbito das práticas escolares que envolvem esses gêneros digitais são bastante importantes. Isso posto, uma proposta interessante e bastante produtiva de prática de leitura e escrita/produção de gêneros emergentes é o procedimento de *sequências didáticas*, definidas como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

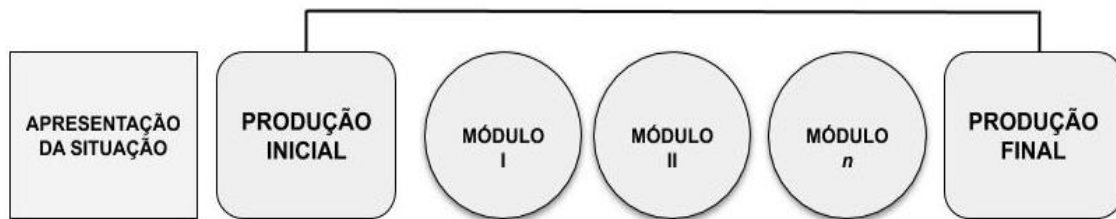
Dito isso, há que se atentar às seis exigências estabelecidas pelos autores supracitados para a feitura de uma sequência didática, quais sejam:

- permitir o ensino da oralidade e da escrita a partir de um encaminhamento, a um só tempo, semelhante e diferenciado;
  - propor uma concepção que englobe o conjunto da escolaridade obrigatória;
  - centrar-se, de fato, nas dimensões textuais da expressão oral e escrita;
  - oferecer um material rico em textos de referência, escritos e orais, nos quais os alunos possam inspirar-se para suas produções;
  - ser modular, para permitir uma diferenciação do ensino;
  - favorecer a elaboração de projeto de classe.
- (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 81-82)

Com base nessas exigências, a estrutura base de uma sequência didática, de acordo com os referidos estudiosos, pode ser representada pelo seguinte esquema de módulos de atividades:



**Figura 2** — Estrutura base de uma sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)

Como podemos ver na figura 2, o modelo de trabalho em sequências didáticas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para o ensino de gêneros no ensino fundamental desenvolve-se em quatro fases, quais sejam: (a) apresentação da situação; (b) a primeira produção; (c) os módulos; e (d) produção final. Explicitaremos cada uma delas a seguir.

- a) **Apresentação da situação:** levando-se em conta o projeto coletivo para a produção do gênero escolhido, seja na modalidade escrita ou oral, primeiro designa-se uma tarefa a ser desenvolvida pelos discentes. Nessa fase, são apresentados exemplares do gênero a ser realizado e é feita uma discussão dos aspectos referentes a ele — com auxílio do professor —, a fim de perceber aspectos de sua organização.
- b) **A primeira produção:** nesta fase, os discentes formulam a primeira produção do gênero, individual ou coletivamente. Essa produção pode ser feita apenas como um esboço geral, que será avaliado e revisado quantas vezes forem necessárias pelo professor. Em seguida, passa-se para os módulos.
- c) **Os módulos:** os módulos podem ser variados, até que se tenha treinado suficientemente a produção final do texto. Eles não são estáveis, mas seguem uma sequência que vai desde algo mais complexo a algo mais simples, para depois retornar ao mais complexo, que é a produção final. Os módulos trabalham com os principais problemas identificados na(s) fase(s) anterior(es) e tendem a suscitar os seguintes questionamentos: Como foi a representação da situação? Como foi a elaboração dos conteúdos? Como foi o planejamento do texto? Como foi a realização do texto? O gênero foi bem-produzido? A partir desses questionamentos,

elaboram-se tarefas simplificadas a fim de trabalhar aspectos pontuais observados pelo professor.

- d) A produção final:** nesta fase, o aluno realiza a produção final do gênero, colocando em prática o que aprendeu ao longo dos módulos. Além disso, ele obtém o controle da sua aprendizagem, pois verifica o que, por que e como fez o gênero que estava sendo trabalhado.

A sequência didática, portanto, segundo Araújo (2013), é, em suma, uma forma de o docente sistematizar os exercícios de ensino em função de núcleos procedimentais e temáticos. Em suas palavras,

consideramos que a ideia central de uma SD é a didatização de um gênero cuja produção é processualmente elaborada. Embora, tal conceito ainda tenha sido, em princípio, apresentado para o ensino de escrita, pode e deve ser empregada para o ensino de leitura e de análise linguística. Acreditamos que ensino de um gênero, seja escrito ou oral, implica na realização de procedimentos, atividades e exercícios sistemáticos que envolvem esses três componentes do ensino de língua: leitura, análise linguística e produção (ARAÚJO, 2013, p. 324-325).

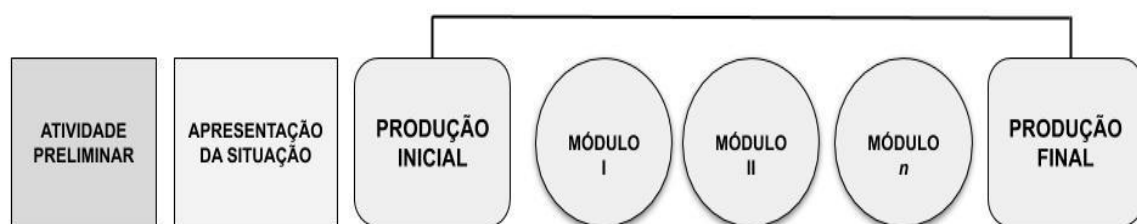
Tendo em vista a relevância das sequências para as práticas didáticas escolares, desenvolvemos, neste trabalho, uma proposta de sequência didática com o gênero discursivo digital *booktube*, a fim de auxiliar profissionais docentes de língua(gem) e/ou áreas afins na didatização dos elementos funcionais desse gênero, que precisam ser apreendidos pelos discentes. Dito isso, na seção a seguir apresentamos e explicamos o nosso projeto de atividades.

### **O trabalho com o *booktube* em uma sequência didática**

Tendo isso em vista, a seguir, apresentamos a sequência didática que elaboramos para o trabalho com o gênero discursivo digital *booktube*. Pretendemos que, ao final dessa sequência didática, os alunos compreendam, utilizem e criem gêneros textuais próprios do âmbito digital de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, além de conhecerem as características próprias do gênero *booktube*, do texto verbal, da língua, da norma-padrão e das diferentes linguagens (semioses).

Diferentemente do esquema desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), há, nesta estrutura, uma pré-fase, denominada *Atividade Preliminar*, a ser considerada, pois ela corresponde ao momento de leitura e discussão prévia das obras literárias – atreladas (ou não) a um projeto de leitura próprio de cada instituição escolar. Vejamos, então, o diagrama com essa inserção:

**Figura 3** — Estrutura base de uma sequência didática



**Fonte:** Produzido pelos autores

Considerando a importância da leitura dentro do ambiente escolar, a *Atividade Preliminar* pressupõe a elaboração de um projeto de leitura idealizado a partir do Projeto Político-Pedagógico (PPP) de cada instituição escolar. Essa **primeira fase** terá como objetivo fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, dentre outras, envolvidas na leitura crítica dos textos verbais previamente realizada pelos alunos. Nesse momento, propomos que seja realizada uma roda de conversa orientada, a fim de levar os alunos a identificarem aspectos globais do texto<sup>4</sup> e desenvolverem habilidades de escuta com atenção e respeito aos diferentes interlocutores. Vejamos alguns exemplos de questionamentos que podem ser suscitados:

- a) Quem é o autor da obra?
- b) Quando ele a produziu?
- c) Quem são os personagens principais?
- d) Sobre o que trata a obra?

<sup>4</sup> Aqui fazemos referência aos textos lidos pelos alunos com orientação do professor em atividade preliminar. A escola literária desses títulos é de livre escolha e deve estar atrelada ao projeto pedagógico da instituição escolar. O foco da sequência didática que aqui desenvolvemos é a produção de um *booktube* (gênero discursivo advindo das TDICs) no ambiente escolar. No entanto, a elaboração desse gênero pressupõe a leitura de alguma obra literária; por isso, propomos a pré-fase (vide figura 3).



- e) Quais são as principais ideias trabalhadas?
- f) Qual foi o objetivo do autor com o material?
- g) Qual a sua opinião em relação a obra lida?

A **segunda fase**, *Apresentação da Situação*, objetivará familiarizar os alunos com o gênero *booktube*. Para isso, serão exibidas quatro produções de *booktubers* a respeito dos clássicos *O Mágico de Oz*<sup>5</sup> e *Alice no País das Maravilhas*<sup>6 7</sup>. Nesse momento, também, o docente buscará familiarizar os alunos com o gênero escrito *resenha*, uma vez que o *booktube* reelabora esse gênero. Posto que nele o *booktuber* apresenta, descreve e avalia os textos lidos, além de debater sobre suas leituras de temas relacionados. Nessa fase, intenta-se que os alunos elenquem elementos necessários para a composição do gênero *booktube*, a exemplo de:

- Apresentação pessoal (seu nome, nome da instituição e série escolar a qual está vinculado);
- Apresentação do título da obra a ser *booktualizada*;
- Vinhetas com imagens estáticas ou em movimento para separar as subseções;
- Resumo descritivo da obra;
- Resumo informativo e crítico (apreciação valorativa) da obra;
- Indicação da obra;
- Inserção de informações complementares, tais como: “Curiosidades: livro e autor”, “Polêmicas”, “O filme” etc.;
- Propaganda de parceiros/editores;
- Relato pessoal e apreciação valorativa do filme em relação a obra lida;
- Apreciação final/despida.

A **terceira fase**, *Produção Inicial*, terá como objetivo sistematizar as ações necessárias para a elaboração do gênero *booktube*. Nesse momento os alunos produzirão um esboço geral de produção inicial do gênero *booktube*. Considerando que os gêneros são relativamente estáveis, caberá, neste momento, que cada estudante realize suas próprias

<sup>5</sup> Sugestões de vídeos: Mel Ferraz, do canal *Literature-se* (<https://www.youtube.com/watch?v=qFEYgUqWNAk>), e Deni, do canal *Leituras da Deni* (<https://www.youtube.com/watch?v=SBWSZBPfJJs>).

<sup>6</sup> Sugestões de vídeos: Isabella Lubrano, do canal *Ler Antes de morrer* (<https://www.youtube.com/watch?v=K6kZ8E1EicM>), e Samara Pimenta, do canal *Hoje é dia* (<https://www.youtube.com/watch?v=g6F3U6eSbJw>).

<sup>7</sup> A escolha dessas obras são apenas sugestões. Elas foram selecionadas em virtude de serem clássicos da literatura infantil comumente lidos ao longo do Ensino Fundamental I. Como são livros bastante conhecidos (e ainda mais popularizados pelos filmes), o conhecimento de mundo dos alunos permitirá que eles atuem participativamente nas aulas e nas atividades, compreendendo o conteúdo e as intenções pretendidas pelo(a) *booktuber*.



escolhas em relação aos elementos que comporão a estrutura, o estilo do *booktube* e, conseqüentemente, o conteúdo temático do *booktube* a ser produzido.

A **quarta fase**, *Os Módulos*, tal qual é apresentada no esquema de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), objetivará trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção dos alunos em formato de módulos. Ela poderá configurar-se de diversas formas e em um quantitativo de atividades que não é possível determinar previamente, visto que os módulos não são fixos.

No *Módulo 1*, propõe-se que o estudante realize uma pesquisa na internet sobre a vida do autor e sobre curiosidades da obra para enriquecer a valoração dele em relação ao texto lido. Esse módulo contribuirá para a formação do estudante em relação ao acesso à informações de forma crítica e reflexiva.

No *Módulo 2*, o estudante iniciará a elaboração de um roteiro/planejamento do texto verbal a ser oralizado no gênero *booktube*. A atividade desse módulo é fundamental para que o aluno reflita sobre a os textos verbais no tocante aos níveis de formalidade da língua (formal e informal), às tipologias textuais (narrativa, descritiva, expositiva, argumentativa e injuntiva) e aos elementos de coesão (sequencial, referencial, lexical, por elipse e por substituição).

No *Módulo 3*, o professor apontará para os alunos elementos textuais e linguísticos que podem ser melhorados no texto. Nesse módulo, o professor também poderá tratar sobre a importância de disseminar apenas informações verdadeiras de forma ética e responsável. O produto escrito, que precede a criação do *booktube*, ou seja, o planejamento (roteiro) do texto, será lido e corrigido pelo professor, mas não avaliado como produto final, visto que ele será utilizado para guiar o aluno no momento da gravação do vídeo.

No *Módulo 4*, o professor auxiliará o estudante na escolha dos melhores usos possíveis das ferramentas digitais e dos recursos multimodais disponíveis para a realização da atividade. Esse momento será de grande valia para os pares, visto que o professor realizará trocas sobre o letramento digital com os seus alunos.

Na **quinta fase**, *Produção Final*, os alunos organizarão o cenário de gravação do *booktube* dentro do espaço escolar, de preferência na biblioteca. A gravação será feita com uso de *smartphones* posicionados com tripé ou apoiados em algum objeto à frente dos alunos. As edições dos vídeos ficarão por conta dos alunos, mas o professor poderá realizar sugestões de aplicativos que cumprem com esse propósito, tais como: *WeVideo*, *Magisto*,

*KineMaster, iMovie, Adobe Premiere Rush, FilmoraGo* (disponíveis para *Android e iOS*) e *Movavi* (disponível para *Windows*) ou outros.

Posto isso, vale ressaltar que, de acordo com o Currículo de Referência em Tecnologia e Computação (RAABE, 2020), a realização de cada uma das práticas sugeridas deve estar alinhada

com o **nível de adoção de tecnologia da escola**, que refere-se a presença de tecnologias no ambiente escolar e, ainda, com o **nível de adoção de tecnologia do docente**, que é o conhecimento específico necessário para desenvolver as habilidades a partir de práticas (RAABE, 2020, p. 6, grifos do original).

Considerando que se trata de um gênero que consome muita energia e muito tempo em sua criação, sugerimos que o professor apenas solicite edições no *booktube* ou regravações desse gênero quando isso for de extrema necessidade. Pensamos que o professor consiga após a socialização do *booktubes*, tão somente apontar elementos que possam ser melhorados; desse modo, é possível que em outras produções dessa modalidade os estudantes aperfeiçoem suas produções, assim como muitas vezes ocorre com o gênero *apresentação oral* (seminário), por exemplo.

A proposta em questão foi pensada porque acreditamos que desenvolver uma sequência didática que trabalhe com este gênero potencializará o desenvolvimento de ao menos três das competências gerais regulamentadas pela BNCC — competências estas necessárias na preparação do estudante para lidar com situações reais de uso da língua(gem) —, a saber: 1) utilizar as diferentes linguagens multimodais; 2) compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética; e 3) argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, tornando-se um cidadão atuante nas mais diversas práticas sociais.

### Considerações finais

A proposta de produção do gênero *booktube* em sala de aula, que evidenciamos neste artigo, mostra que o trabalho com sequências didáticas é produtivo, pois ele não é uma simples maneira de sistematização de aulas que têm por objetivo o ensino de gêneros, mas é, essencialmente, de acordo com Araújo (2013), a orientação metodológica embasada em

inúmeros e distintos fundamentos teóricos que dizem respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em vista a necessidade de as TDIC adentrarem as práticas escolares em sala de sala de aula, não somente por necessidade do contexto social em que estamos imersos, mas também por exigência de um dos documentos parametrizadores das práticas de ensino (a BNCC), a sequência didática desenvolvida para o trabalho com o gênero discursivo digital *booktube* proporcionará aos estudantes experiências que contribuirão para a ampliação dos seus letramentos — inclusive do letramento digital —, de modo que eles poderão se tornar protagonistas de suas aprendizagens e estarem aptos a construir seus projetos de vida, participando criticamente das diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

### Referências bibliográficas

AYRES, D. J.; PEREIRA, M. H. M.; AZEVEDO, A. C. O. Booktube: um olhar para os gêneros advindos das tecnologias digitais da informação e comunicação. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl., Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020. p. 1101-1113.

ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática? In: **Entrepalavras**. Fortaleza – ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base** / Secretaria de Educação. Parceria com Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME, Brasília: 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/dayan/Downloads/6557-Texto%20do%20artigo-18635-1-10-20170602.pdf> Acesso em Abril de 2021.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 81-108.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de língua e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.; (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011, p.69-82.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In*: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R. (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MCLUHAN, M. **The Medium is the Massage**. Harsmondsworth. Penguin books, 1967.

RAABE, A. **Currículo de referência em tecnologia e computação**: da educação infantil ao ensino fundamental [recurso eletrônico]; [André Raabe, Christian Bakmann e Flávio Campos; organização Centro de Inovação para a Educação Brasileira] – 2. ed. – São Paulo: CIEB, 2020.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@ Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas: **CEDES**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

SILVA, V. V. O. **Booktube**: a resenha literária como estratégia para o letramento literário. 2019.152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2019.

#### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

##### ***Dayana Junqueira Ayres***

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB (Vitória da Conquista, Bahia, Brasil). Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências (UNIFTC) e do Colégio Sêneca. E-mail: [dayana.ayres@hotmail.com](mailto:dayana.ayres@hotmail.com).

##### ***Márcia Helena de Melo Pereira***

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP. Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição (PPGLin/UESB). E-mail: [marciahelenad@yahoo.com.br](mailto:marciahelenad@yahoo.com.br).



***Filipe Santos Guerra***

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB (Vitória da Conquista, Bahia, Brasil). Graduado no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas (Português e Respectivas Literaturas) pela mesma instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [filipe.guerra16@gmail.com](mailto:filipe.guerra16@gmail.com).